



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## **Mídia, mulheres deficientes e cultura: Uma análise dos processos de afirmação cultural do corpo feminino ideal e de rejeição ao corpo deficiente<sup>1</sup>**

**Maria Fontes**

Jornalista, mestre e doutoranda em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Facom-UFBA; pesquisadora associada da ANIS: Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero; integrante da unidade Salvador da Rede Sarah de Hospitais do Aparelho Locomotor. [maluzes@uol.com.br](mailto:maluzes@uol.com.br); [malu@ssa.sarah.br](mailto:malu@ssa.sarah.br)

### **Resumo**

Este texto adota a perspectiva de que a imagem do corpo feminino ideal, embora recorra aos mídias para disseminar-se, sustenta-se também em outros discursos: as narrativas e práticas da medicina e da ciência, que, em nome da saúde e da normalidade, justificam o aperfeiçoamento do corpo humano. Ao empreender um dos mais eugênicos projetos já vistos, o de afastar do corpo as características associadas a falhas ou deficiências, a ciência contribui para legitimar a emergência de duas corporeidades distintas que tendem a firmar-se como valores ético-estéticos de nossa época: o corpo desejável, canônico, e o corpo rejeitado, anti-corpo, condenado à exclusão, analisados aqui à luz do corpo de mulheres deficientes. Mediante a análise de textos sobre mídia e práticas científicas contemporâneas, este trabalho busca demonstrar que práticas médico-científicas sustentam o discurso midiático sobre o corpo feminino.

**Palavras-chave:** corpo; mulheres; mídia.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP13 – Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



### **Mídia, mulheres deficientes e cultura:**

#### **Uma análise dos processos de afirmação cultural do corpo feminino ideal e de rejeição ao corpo deficiente**

Em uma crítica dirigida à televisão brasileira, e sobretudo às telenovelas, no que diz respeito ao caráter do veículo e do produto de (não) representar a realidade racial brasileira, o livro *A negação do Brasil* (Araújo, 2000) a acusa de não contribuir - partindo do pressuposto que o veículo teria o poder e as condições de promover uma mudança dessa realidade - para que a parcela negra da população brasileira possa obter um nível de representatividade compatível com sua expressividade na realidade e na cultura brasileira. Ao criticar o que seria a veiculação de determinados padrões corporais e raciais na TV durante os 50 anos de existência no País, o autor adota a seguinte perspectiva:

*“A telenovela brasileira, considerada como produto da indústria cultural mais divulgado no exterior, sendo exibida em um grande número de países da Europa, Ásia e América, é, também, na avaliação dos estudiosos da comunicação e de outros campos do saber, uma forma de representação que retrata nossas características socioculturais. (...) No que diz respeito ao segmento negro, entretanto, apesar de representar parcela expressiva na construção da população e da cultura brasileiras, tem sido ignorado na ficção ou retratado de modo negativo ou estereotipado”* (Araújo, 2000, p.12-13).

*“Nas proximidades de comemoração de cinquenta anos de existência desse gênero da cultura popular consagrado pelos brasileiros, é mais do que tempo de se efetuar um balanço a partir de um recorte racional. É necessário discutir as distorções que possam ter prejudicado os processos de afirmação da auto-estima da população de origem negra neste campo de batalha simbólico que se trava cotidianamente no nosso mais importante meio de comunicação de massa, a televisão”* (Idem, p. 21).

Partindo-se do pressuposto de que a crítica do autor é legítima e ressaltando o fato de que a TV se constitui hoje no mais democrático instrumento de difusão de informação e cultura no país, no sentido de que é aquele que atinge o maior número de indivíduos, não se pode negar o caráter de meio influenciador de massas exercido pelo veículo. O caráter da penetração da TV na sociedade brasileira pode ser avaliado em relação a outros meios, como, por exemplo, a Internet e os jornais. Hoje estima-se que apenas 6% (10,2 milhões de pessoas) da população brasileira tenham acesso à Internet e menos que isso, 5% (8,5 milhões), leiam



jornais. Nesse sentido, à televisão é atribuída uma série de responsabilidades éticas, políticas e sociais, sobretudo a de traduzir em suas imagens e discursos o país real e a de, conforme argumenta Araújo, contribuir para a afirmação de direitos, identidades e cidadanias de determinados grupos ou minorias. Grosso modo, entretanto, o senso comum acusa o veículo de não exercer a contento tais responsabilidades. No que diz respeito à boa forma física como um valor estético, apelidado de ditadura da beleza, obviamente não se pode negar que a propagação desse ideal de corpo encontra na televisão uma parceira indispensável. Entretanto, não raro, é atribuída a ela uma espécie de culpa absoluta pela força que a idéia de boa aparência e boa forma física tem junto à sociedade do nosso tempo. Outros instrumentos, como os discursos e as práticas médicas e científicas, que prometem retardar o envelhecimento e possibilitam de fato a reconstrução física do corpo (dirigidos com muito mais ênfase às mulheres), comumente são deixados de lado nas análises que buscam um suposto responsável para a exacerbação do cultivo à forma física e ao embelezamento corporal.

Nesse sentido, ou seja, sobre o papel da mídia e da televisão no processo de aperfeiçoamento do corpo, especialmente do corpo feminino, considero fundamental destacar o ponto de vista da historiadora Mary Del Priore, expresso em sua obra mais recente, intitulada "*Corpo a corpo com a mulher - pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*", onde ela define o papel da mídia como sendo o de nada menos que opressor das mulheres do século XX:

*"(...) a imagem corporal da mulher brasileira está longe de desembaraçar-se de esquemas tradicionais, ficando longe, portanto, da propalada liberação dos anos 70. Mais do que nunca, a mulher sofre prescrições. Agora não mais do marido, do padre ou do médico, mas do discurso jornalístico e publicitário que a cerca. No início do século XXI, somos todas obrigadas a nos colocar a serviço de nossos próprios corpos. Isso é, sem dúvida, uma outra forma de subordinação. Subordinação, diga-se de passagem, pior do que a que se sofria antes, pois diferentemente do passado, quando quem mandava era o marido, hoje o algoz não tem rosto. É a mídia. São os cartazes da rua. O bombardeio de imagens na televisão"* (Priore, 2000, p.15).



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

*"(...) Não há prisão mais violenta do que aquela que não nos permite mudar. Que nos bombardeia com imagens de eterna juventude, doutrinando-nos a negar as mudanças. Como envelhecer, quando tudo que nos cerca, - o outdoor, a televisão, as fotos na revista - é construído de forma a negar o envelhecimento?" (Idem, p. 99)*

Ou seja, na análise de Priore, o papel da mídia no processo de aperfeiçoamento e/ou de embelezamento corporal feminino é literalmente o de algoz. Ela vai além e desculpabiliza textualmente a medicina, ao afirmar que a mulher sofre prescrições da mídia, não mais do marido ou do médico. Isso em um tempo em que noticia-se, no Brasil, uma aliança até pouco tempo inimaginável e ainda vista com intolerância até mesmo por entidades deontológicas da medicina: a ação de cirurgias plásticas em simples salões de beleza:

*"A cliente vai pintar as unhas e sai com os lábios mais grossos e sensuais, recheados de metacrill, uma substância injetada na área da boca depois de uma anestesia local. (...) Em São Paulo e Fortaleza, já é possível ir a um centro de tratamento estético e sair de lá com uma recauchutagem geral assinada por um médico" (Negreiros, 2001, p. 79).*

A presença de um cirurgião em salões de beleza revela que a emergência da ideologia do corpo perfeito fez com que universos aparentemente distantes se unissem com o mesmo objetivo: o centro cirúrgico e o salão de beleza. O Brasil é um recordista mundial, só perdendo para os Estados Unidos, no número de realizações de cirurgias plásticas estéticas. Em 2000 os números indicam que 350 mil pessoas se submeteram a pelo menos uma cirurgia plástica de natureza exclusivamente estética (Pinheiro, 2001). O país também está na frente no consumo de silicone líquido que, se antes era usado apenas para aumentar o volume dos seios, hoje grande parte dos "consumidores" recorrem ao implante para aumentar o volume das nádegas e dos lábios. O mesmo se repete mais recentemente com o botox, uma substância química que, quando injetada no corpo humano, paralisa os músculos, impedindo a flacidez. O Brasil já desponta como um dos maiores consumidores de botox do mundo e a quase totalidade de usuários do produto é do sexo feminino. Ou seja, as técnicas de (re)construção do corpo são responsáveis pela movimentação de mercados milionários, envolvendo



academias, energéticos, suplementos alimentares, refeições dietéticas, clínicas de estéticas, consultórios médicos e, não se pode esquecer, pesquisas científicas.

Muitas vezes, entretanto, como parece ser o ponto de vista de Priore, esse volume de práticas é analisado como se tratasse-se de uma mera construção ou invenção da mídia, cujo braço mais extenso é a televisão, aliada à publicidade e às publicações relacionadas ao veículo, em cujas páginas estampam-se os depoimentos e imagens dos ídolos e astros que desfilam seus corpos, "perfeitos" e recém-adquiridos, diariamente na tela da TV, atores e atrizes a serviço da idéia de que o corpo bom é o corpo belo e que a feiúra e o descaso com a aparência física são valores imperdoáveis no nosso tempo, vistos praticamente como uma deformidade de caráter. Assim como a obesidade, o descuido com o corpo é, grosso modo, associado à preguiça, ao sedentarismo, à falta de auto-estima.

Este texto não tem entre seus propósitos abordar a definição de beleza corporal, partindo do pressuposto de que trata-se de um valor subjetivo, de forma que o conceito de corpo ideal ou de boa forma não necessariamente deve ser compreendido como sinônimo de beleza. Adota-se aqui a perspectiva de que o corpo feminino ideal, o corpo situado dentro de parâmetros que podemos considerar como de boa forma, é, antes de ser um corpo bonito, um corpo (re)construído a partir de um conjunto práticas e procedimentos de várias naturezas que visam torná-lo adequado, capaz de atender às exigências de uma corporeidade supostamente considerada ideal. O corpo ideal, antes de ser belo, deve ser sinônimo de não gordo, saudável (em oposição ao corpo portador de algum distúrbio patológico), submetido voluntariamente a exercícios, medicamentos, tratamentos e até mesmo a incisões cirúrgicas radicais. A este corpo aplicarei o conceito de corpo canônico da contemporaneidade.

O conceito de corpo canônico deve ser entendido, portanto, como uma configuração corporal típica da nossa época, caracterizada pela submissão voluntária de indivíduos a um conjunto de práticas corporais visando alterar, aperfeiçoar, corrigir e reconstruir o corpo natural, no sentido de potencializá-lo (saúde, boa forma, aparência, disposição física, etc.) e embelezá-lo. Esse conjunto de práticas abrange desde técnicas e investimentos no campo da medicina (tanto estética quanto clínica), farmacológicos, nutricionais (suplementos



vitamínicos, dietas e consumo de alimentos de baixo teor calórico), do culto à forma física (academias), a artifícios cosméticos e relacionados ao vestuário.

O corpo canônico é um corpo alterado por tal conjunto de práticas e que tem a mídia não como o instrumento maior (e muito menos único) de sua construção, mas como sua principal janela de divulgação; através dela, essa configuração física, esse corpo (re)construído, dissemina-se à exaustão e conquista cada vez mais adeptos. Ou seja, não se pretende aqui, retirar da mídia o seu papel de agente ativo da disseminação da corporeidade canônica e sim identificar parceiros cujas práticas e discursos são tão poderosos e eficientes quanto os seus: a ciência e a medicina. Grosso modo a ciência é entendida nesse trabalho como sinônimo de pesquisas envolvendo técnicas e medicamentos visando a descoberta de drogas e métodos de interferência que, aplicados ao corpo, o "higienizam" em relação aos riscos de futuras falhas, deficiências e doenças e características aparentemente desvantajosas, métodos usados sobretudo no campo da genética e da inseminação em laboratório. Já a medicina é apresentada aqui como sinônimo da aplicação de métodos, drogas e práticas, clínicas e cirúrgicas, visando o aperfeiçoamento da aparência física, bem como o retardamento da velhice.

Para efeito deste texto, na ideologia da boa forma e do corpo canônico, a mídia é apenas o aspecto mais visível de afirmação, um espaço que deve ser entendido como de estímulo e não como de construção. Os elementos concretos de sua construção e legitimação, entretanto, estão situados e ancoram-se, cada vez com raízes mais profundas, nos domínios, discursos e práticas da medicina e da ciência. Embora haja uma diferença de significação entre os discursos midiático, médico e científico em torno do corpo (saudável para os dois últimos, belo para o primeiro), todos objetivam o mesmo propósito: convencer o indivíduo a retirar o corpo do domínio da natureza e submetê-lo a artifícios técnicos visando melhorá-lo.

Ainda no campo das diferenças dos discursos, vale ressaltar que a mídia, entendida aqui como sinônimo de um conjunto de meios (televisão, outdoors, revistas, anúncios publicitários, etc.), embora tenha compromissos com o real, também tem, e em muito maior escala, com a fantasia e o desejo; a ciência e a medicina, apesar da morte das meta-narrativas e da emergência da idéia de que a objetividade científica não passa, ela também, de um mito,



estão, ao contrário, completamente fundadas no imaginário ocidental como sinônimos de verdade. Diante da imagem de um corpo ideal exibido na mídia e da de um corpo preconizado pela ciência e pela medicina como saudável, a segunda imagem associa-se à negação da morte e da doença, ou seja, vincula-se à saúde, enquanto a primeira vincula-se à beleza e à sedução. Uma imagem apela para o aprimoramento e a sobrevivência da espécie; a outra apela para a conquista do outro, em níveis sociais e sexuais. Os dois discursos, quando complementados, conduzem o corpo imperfeito ao seu devido lugar em nossos dias: o lugar da exclusão, da rejeição e do insuportável. De um lado temos os ídolos e de outro os monstros (ambas as categorias, a idolatria e a monstruosidade, inscritas no corpo físico) tanto para a ciência e para a medicina, quanto para a mídia.

Neste sentido, vale esclarecer o distanciamento entre os monstros corporais midiáticos, produtos do cinema, dos video-clips, dos quadrinhos, etc. e os monstros corporais reais, que, nesse contexto da corporeidade canônica, não são outros senão os obesos e os deficientes. Entretanto, se analisarmos a monstruosidade como sinônimo do corpo anti-natural, acrescido de características não humanas, incomparável com o corpo biológico com o qual nos identificamos visual e biologicamente, vale perguntar para quem vale a noção de monstruosidade: para os corpos "reais"/naturais, embora desprovidos de saúde, funções, movimentos ou formas físicas preconizadas como ideais, ou para aqueles corpos "irreais"/artificiais construídos à base de sucessivas interferências cirúrgicas estéticas, portadores de silicone e correções? Ambos não deixam de ser representantes de uma monstruosidade, considerando-a como tal a corporeidade que se opõe aos supostos padrões de normalidade físico-biológica.

E por falar em monstruosidade vale, refletir sobre a idéia de aceitação e repulsa diante do corpo monstruoso, nesse caso como sinônimo de feio, disforme, aberrante. Quando exibida nos mídias e inscrita sob o rótulo de ficção, tal monstruosidade agrada, atrai, seja na tela da TV, do cinema ou nos vídeo-clips. Quando transposta para o real, traduzida como a obesidade excessiva ou como o corpo mutilado de quem perdeu membros e funções, por exemplo, ela é radicalmente transformada em mal-estar e rejeição por parte do outro com o qual se confronta. O monstro midiático é atrativo e consumido como espetáculo. O "monstro" real é a negação



ameaçadora do desejo de sedução e aceitação. Ao falar do medo do monstro, Cohen explica a nossa atração pelos monstros produzidos pela cultura de nosso tempo, justificando, de certa forma, a nossa repulsa pela monstruosidade real:

*"Nós vemos o monstruoso espetáculo do filme de terror porque sabemos que o cinema é um lugar temporário, que a vibrante sensualidade das imagens de celulóide serão seguidas pela reentrada no mundo do conforto e da luz. Da mesma forma, a história na página à nossa frente pode aterrorizar (pouco importa se ela aparece na seção de notícia do jornal ou no último livro de Stephen King), desde que estejamos seguros por sabermos de seu fim próximo - o número de páginas em nossa mão direita está diminuindo - e de que logo estaremos livres dela" (Cohen, Apud Silva, 2000, p. 49).*

Para fugir da mais leve associação com a monstruosidade real, seja via obesidade ou velhice, as mulheres recorrem aos cada vez mais sofisticados e eficientes processos visando a construção de um corpo canônico. Essa construção envolve, antes de mais nada, altos investimentos financeiros e disponibilidade de tempo, tratando-se, portanto, de um processo de alcance limitado a determinadas faixas sócio-econômicas, por mais que, por exemplo, as academias se popularizem e as cirurgias plásticas e tratamentos estéticos adotem formas criativas de pagamento, como a modalidade dos consórcios. Essa limitação tende a converter-se em frustração e exclusão por parte daquelas que não podem dispor dessas práticas.

Uma vez que a idéia de construção de um corpo canônico é estimulada a ser adotada por todos, seja via esfera do desejo (mídia) ou esfera da necessidade e da saúde (medicina e ciência) e que apenas uma pequena parcela da população pode ser beneficiada com o conjunto de práticas oferecidas pelo mercado para obter tal objetivo, pode-se concluir que tais discursos contribuem em larga escala para o surgimento de novas modalidades de exclusão e segregação, cujas razões estão inscritas no corpo. O anti-corpo não tem lugar na sociedade contemporânea.

Sobre a falta de lugar do corpo limitado na sociedade contemporânea, é fundamental abordar os progressos e avanços da biotecnologia como instrumentos poderosos de aniquilação da falha física e da rejeição ao defeito, o que nos leva a deduzir que, a médio prazo, as anomalias congênitas serão banidas das famílias com acesso à biotecnologia. Nesse



caso deixaríamos, em um futuro breve, de ter na sociedade pessoas com limitações físicas congênitas, o que, evidentemente, não fará com que a anomalia desapareça das sociedades futuras: restarão as limitações, anomalias e deficiências adquiridas, decorrentes, inclusive das próprias sociedades modernas, ou seja, os traumas típicos do nosso tempo: os acidentes automobilísticos, a violência urbana e os acidentes esportivos e até mesmo a violência de gênero, entre outros, além daqueles decorrentes das doenças adquiridas e ainda sem cura.

As possibilidades recentemente conquistadas pela ciência, permitindo o acesso direto ao embrião e possibilitando manipulações genéticas em fases onde o corpo sequer ainda é corpo, remetem-nos a uma associação inevitável entre a ciência e a idéia de eugenia: a ligação entre eugenia e genética "parece hoje estar mais bem equipada do que esteve no nazismo, já que agora há um mercado globalizado para os ideais de melhoria do patrimônio genético" (Guimarães, 2001, p. 03). O uso dessas técnicas médico-científicas, pré e intra-uterinas, os chamados diagnósticos pré-natais e pré-implantatórios, e mais recentemente as alusões à clonagem de células tronco, são justificados em nome da saúde da futura criança, da eliminação da doença do futuro corpo, do futuro ser humano, e não, claro, em nome da eugenia, da estética ou da beleza.

Hoje, o “corpo” é medicalizado, esquadrihado, corrigido, aperfeiçoado e descartado ou aceito (no caso da seleção de genes a serem usados em processos de fertilização de casais e/ou mulheres inférteis em laboratórios) ainda sob a forma de espermatozóide, ovo, óvulo, célula ou embrião e tal prática tem como propósito maior a correção de prováveis ou eventuais imperfeições, o controle ou o impedimento da manifestação/surgimento de prováveis erros da natureza que poderiam ocorrer em um determinado feto. O maior exemplo da imperiosidade da seleção genética na contemporaneidade é o Projeto Genoma Humano, um investimento que envolve bilhões de dólares e é desenvolvido com a participação de vários países do mundo, simultaneamente. A justificativa maior do Genoma é uma suposta garantia da saúde dos futuros seres humanos, aliada à possibilidade de impedimento da manifestação de sintomas das doenças de origem genética.

Pode-se dizer, portanto, que a ciência, a medicina e suas técnicas de esquadrihar o corpo desde o nível mais elementar, o nível molecular, têm sim como finalidade contribuir



para o nascimento de corpos "perfeitos". Ao voltar-se para a correção de supostos defeitos que o corpo que ainda vai nascer poderia vir a carregar, ambas colocam-se a serviço de uma ideologia, de certa forma, eugênica, embora o termo eugenia seja uma espécie de fantasma para a comunidade científica internacional em decorrência da associação que se faz entre ela e as perversas práticas nazistas. Sobre a configuração do corpo desde o processo de fertilização, a médica e pesquisadora Marilena Corrêa, em tese de doutorado intitulada *A tecnologia a serviço de um sonho: um estudo sobre a reprodução assistida*, argumenta:

*“Na verdade, é importante pensar que a busca da perfeição do corpo e da performance psico-social permeia o discurso médico-científico de ponta. Os cosméticos, as plásticas, são apenas uma ponta, uma expressão frouxa dentro do processo no qual a vida passou a ser investida pela ideologia de uma potência máxima, naquilo que Foucault chamou de biopoder e biohistória. (...) No exemplo citado da reprodução assistida, a “ajuda aos casais inférteis” trouxe ainda - para muito além do atendimento de uma demanda em si mesma indiscutível, ligada à clínica da ginecologia-obstetrícia - procedimentos científicos voltados à gestão de futuros indivíduos, pesquisas ligadas à separação de genes específicos hipoteticamente atribuídos a características determinadas, clonagem de embriões, utilização de tecidos fetais, dentro da expansão da vontade de saber e de domínio sobre o homem e seu corpo, própria à medicalização no modelo do biopoder” (Corrêa, 1997, p. 268).*

Em sua pesquisa, Corrêa questiona os limites da seleção genética praticada no campo da fertilização *in vitro* e adota como argumento o fato de que, no território das novas tecnologias reprodutivas, a medicina assume-se, pela primeira vez, como medicina do desejo, não o desejo de cura, já que quem é infértil continuará infértil, mas como um desejo relacionado à promessa de realização de sonhos quanto às características de futuros indivíduos, os filhos que ainda vão nascer. Ela questiona as justificativas usadas na seleção do tipo que é praticada nesse campo. “No campo da doença, quando não se entra em detalhes, a idéia de seleção genética do embrião pode parecer adequada. Mas quando se desce para casos específicos, o que vemos é: onde colocar o limite? O que é uma (im)perfeição (in)suportável?” Nesses casos, todos os embriões com algum tipo de defeito são descartados.



Diante das potencialidades de manipulação genética abertas a partir da conclusão do mapeamento do genoma humano, anunciado em fevereiro de 2001 pelo Projeto Genoma Humano, as opiniões sobre as conseqüências desse avanço no mundo científico se dividem entre os pessimistas e otimistas, gerando debates e discussões que estão longe de chegar a um consenso, sobretudo nas esferas da ética, da bioética, da filosofia e da religião. Representando a primeira corrente, a pesquisadora da Open University de Londres, Mae-Wan Ho, argumenta:

*"Os ricos pagarão para melhorar seus descendentes, assim como pagam por educação particular dispendiosa. Conseqüentemente, teremos um proletariado genético - os filhos dos pobres -, que terminará por se tornar uma espécie diferente e inferior. A desigualdade social poderia, dessa forma, se traduzir em desigualdade genética e vice-versa. Infelizmente, ela (a fantasia do determinismo genético) está alimentando o ressurgimento da eugenia e da discriminação genética e dá espaço aos piores preconceitos de nossa sociedade" (Ho, 2001, p. 18).*

Entre esses "piores preconceitos" estaria, por exemplo, o aumento da discriminação contra os deficientes, que, com o aperfeiçoamento genético de futuras gerações, tendem a ser vistos como corpos absolutamente antagônicos aos corpos saudáveis que a ciência promete assegurar antes mesmo do nascimento. E à medida que a ciência acena com a possibilidade de banir do corpo a falha e a imperfeição - não pelo tratamento ou cura do embrião não-saudável, mas pelo seu descarte, pela sua exclusão e pela seleção de um outro absolutamente sadio - teremos a perspectiva da possibilidade de um mundo onde a anomalia tende a ser cada vez mais rejeitada. O fisicamente anômalo, o anti-corpo, será o monstro da corporeidade prometida pela ciência e adquirida por aqueles que podem pagar o seu preço.

Ao acentuar seu papel de monstro da corporeidade física típica de nossa cultura, os deficientes, limitados e anômalos, ao contrário do que reivindicam os movimentos em prol da inclusão social, provavelmente terão cada vez mais dificuldades em conquistar espaços políticos e sociais, bem como afirmar sua identidade, uma vez que é o outro - nesse caso o adepto à ideologia do corpo canônico - que, em larga medida, constrói a nossa identidade exterior. Sobre a construção da nossa imagem pelo outro, vale citar Bakhtin. Na sua obra *Estética da Criação Verbal*, ele afirma que cada indivíduo não tem noção de sua



individualidade exterior, uma vez que seu olhar está situado no limite da fronteira, ou seja, temos noção da nossa individualidade apenas mediante fragmentos díspares, pois estamos situados na fronteira do campo de nossa própria visão, o que torna o outro fundamental para que nos dê ferramentas para que, então, possamos ter noção do conjunto da nossa individualidade exterior, entendida neste artigo como nossa corporeidade:

*"Para dar vida à minha imagem externa e para fazê-la participar do todo visível, (...) é absolutamente necessário introduzir, tal como um filtro transparente, o filtro da reação emotivo-volitiva - amor, espanto, piedade, etc. - que um outro pode ter para comigo. É a visão que obterei através desse filtro interno de outra alma, reduzida à categoria de instrumento, que dará vida à minha exterioridade e a fará participar do mundo plástico-pictural" (Bakhtin, 1992, p. 50).*

*(...) nossa situação na frente do espelho é sempre deturpada pois (...) nos identificamos com o outro possível, indeterminado, com cuja ajuda tentamos encontrar uma posição de valores a respeito de nós mesmos (...) nosso julgamento não é feito para nós mesmos, mas para os outros e através dos outros. (...) na frente do espelho, quase sempre posamos, adotando esta ou aquela expressão que nos parece essencial e desejável (Idem, 53-53).*

*(...) O homem não pode juntar a si mesmo num todo exterior relativamente concluído, porque vive a sua vida na categoria do seu eu. (...) Espelho, fotografia, auto-observação nada mudarão. Na melhor das hipóteses obtém-se uma falsificação, um produto estético criado de modo interesseiro, a partir do outro possível, desprovido de autonomia.*

*É nesse sentido que o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, de sua visão e da sua memória; memória que o junta e o unifica e que é a única capaz de lhe proporcionar um acabamento externo. Nossa individualidade não teria existência se o **outro** não a criasse. A memória estética é produtiva: ela gera o homem exterior pela primeira vez num novo plano de existência" (Ibidem, p.55, sem grifo no original).*

Em um mundo onde tanto uns quanto os outros de Bakhtin são aconselhados, seja pela medicina, pela mídia ou pela ciência, a buscar um corpo saudável, em conformidade com os instrumentos disponíveis para isso no mercado, vale perguntar: em quais referências e julgamentos miram-se aqueles cujos corpos não se permitem a adoção de tais práticas, métodos ou hábitos? Como elemento ilustrador do que aqui chamo de anti-corpo recorro às



mulheres paraplégicas, usuárias de cadeiras de rodas, tendo o cuidado de enfatizar que elas são apenas uma das representações possíveis, entre muitas, desse anti-corpo de nosso tempo. Na medida em que a voz da suposta normalidade física as aponta, traduz e classifica como deficientes e, portanto, como pessoas com um anti-corpo, qual a tradução que essas mulheres fazem de si mesmas do ponto de vista corporal? Quem é o outro que as oprime em sua autoestima? A mídia e seus corpos canônicos? A medicina, que não a beneficia com seus truques que driblam o tempo e a doença? Ou seria a ciência, que anuncia a eliminação genética da deficiência e, ao fazer isso, as classifica automaticamente como um anti-corpo? Ou seria ainda a sociedade, representada pelo olhar impregnado de mal estar de cada um de nós que tememos a "monstruosidade" representada pela falência do corpo, que tememos a derrota do corpo pela natureza, apesar dos avanços científicos?

Ao falar de anti-corpo, de corpo desfuncionalizado, refiro-me especialmente às mulheres paraplégicas ou tetraplégicas, com limitações irreversíveis para as quais medicina e ciência não têm solução, como é o caso, por exemplo, das mulheres com danos na medula espinhal, ocorrência muito mais comum do que imaginamos nos acidentes de trânsito e nos acidentes esportivos. Sobre essas mulheres e seus processos de identificação no contexto cultural contemporâneo há um universo de perguntas sem respostas. Elas seriam representantes de uma alteridade que nós, seja como consumidores de bens simbólicos e culturais, seja como cidadãos, praticamente desconhecemos.

Os pesquisadores da alteridade na mídia, quase sempre analisam o outro-social, o outro-cultural, o outro-racial; o outro-físico é traduzido, quase sempre, como o obeso caricato, anti-referência da beleza, da saúde e da boa forma. O corpo sem autonomia, limitado em sua capacidade de deslocamento e, por que não dizer, de encenação estética (vale ressaltar aqui que não nos referimos ao corpo doente, enfermo, mas apenas do corpo desprovido de uma função, um corpo limitado fisicamente), passa pelo mundo silenciosamente, praticamente invisível aos olhos sociais. Ao torná-lo literalmente objeto de um projeto de eliminação no futuro, graças a intervenções realizadas ainda na fase pré ou intra-uterina, a ciência estimula o seguinte questionamento: diante dessa perspectiva, anunciada com uma promessa de esperança para a humanidade, como uma mulher em uma cadeira de rodas vê a si mesma



diante do mundo? Seja diante do anúncio estrelado pela mulher longilínea de pernas ágeis ou da promessa científica de banir da humanidade a deficiência física (promessa, a princípio, voltada apenas para aqueles que ainda não nasceram e cujas famílias podem ter acesso a sofisticadas técnicas reprodutivas), como situar-se diante de uma dupla impossibilidade, ou seja, a impossibilidade de não poder desfrutar da corporeidade canônica dos anúncios publicitários e, ainda, representar um corpo do qual a ciência, embora obedecendo a princípios nobres, quer livrar-se o quanto antes? A pesquisa, ainda em andamento, que dá subsídio para este artigo faz parte da busca de uma resposta para essa questão.<sup>1</sup>

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil : o negro na telenovela brasileira*. São Paulo : Editora Senac, 2000. 323 p.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo : Martins Fontes, 1992. 421p.
- CORRÊA, M. V. *A tecnologia a serviço de um sonho : um estudo sobre a reprodução assistida*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 1997. Não publicado.
- CORRÊA, M. V. *Elementos para discussão de uma ética da prevenção das deficiências face aos novos desenvolvimentos da medicina preditiva*. Trabalho apresentado ao 19º Congresso Mundial da Rehabilitation International, Rio de Janeiro, 2000. Não publicado.
- GUIMARÃES, Maria Rita de Oliveira. A seleção humana : fantasma ou gestação? *Folha de S. Paulo*. Caderno Opinião/Tendências/Debates. São Paulo : 16/03/2001, p. 03.
- HO, Mae-Wan. A morte do determinismo. *Folha de S. Paulo*. Caderno Mais! São Paulo : 25/03/2001, p. 16-18
- NEGREIROS, Adriana. Salão cirúrgico. *Veja*, Ano 34. N. 11, p. 79, 2001.
- PINHEIRO, Daniela. Brasil, império do bisturi. *Veja*, ano 34, n. 2, jan 2001, p. 84-89.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- PRIORE, Mary Del. *Corpo a corpo com a mulher* : pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo : Editora Senac, 2000, 108p.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Pedagogia dos monstros* : os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte, 2000, 199p.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

---

<sup>1</sup> Este trabalho relaciona-se à pesquisa do curso de doutorado que desenvolvo na Facom-UFBA sob a orientação do professor-doutor Edvaldo Couto e onde abordo o desconforto identitário e corporal experimentado por mulheres jovens, usuárias de cadeiras de rodas, inseridas em um contexto social e cultural permeado pelas mídias e marcado pela ideologia da boa forma física, da saúde perfeita e de sedução social e sexual. Como temática paralela, adoto a perspectiva de que, juntas, mídia, ciência e medicina, constroem e contribuem para legitimar padrões corporais canônicos cujo efeito imediato é o de elevar à categoria de anti-corpo as corporeidades que não se prestam à construção desse modelo, como o corpo obeso, o corpo deficiente, o corpo envelhecido e o corpo disforme ou doente.